

JOSÉ OLIVEIRA

**JOSÉ**

# **OLIVEIRA**

**A DOUTRINA ANARQUISTA  
ao alcance de todos**

A DOUTRINA ANARQUISTA

CD

A doutrina anarquista  
ao alcance de todos

Copyright © by espólio

José Oiticica

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra  
sem a prévia autorização da editora.

Impresso no Brasil  
1983

# A doutrina anarquista ao alcance de todos

Todos os direitos reservados à  
**ECONÔMICA EDITORIAL LTDA.**  
Rua Rego Freitas, 354 – 3º andar – cj. 32  
Tels.: (011) 65-0475 e 256-8554  
CEP 01220 – São Paulo – SP.

 **econômica**  
editorial

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação  
Câmara Brasileira do Livro, SP

035d  
2.ed.

Oiticica, José, 1882-1957.

A doutrina anarquista ao alcance de todos /  
José Oiticica. -- 2. ed. fac-similada. -- São Paulo :  
Econômica Ed., 1983.

1. Anarquismo I. Título.

83-0092

CDD-335.83  
-320.57

Índices para catálogo sistemático:

1. Anarquismo : Economia 335.83
2. Anarquismo : Política 320.57

**ARGENTUM EORUM ET AURUM EORUM  
NON VALEBIT LIBERARE EOS IN DIE FURORIS  
DOMINI.**

Ezechiel — VII, 19

Por isso, digo que algum grande néscio foi o  
primeiro que serviu outro.

(Jorge Ferreira, **Aulegrafia** p. 13 v.)

## JOSÉ OITICICA: SUA VIDA, SUA OBRA, SUAS IDÉIAS

Edgar Rodrigues

Convidado por Sônia Oiticica para apresentar a 4.<sup>a</sup> edição\* de **A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos**, perguntei a mim mesmo se José Oiticica precisava de apresentações, e o que poderia acrescentar à obra ideológica do mestre, do sábio, do anarquista ou dizer sobre esse homem erudito e sua figura humana.

**Ação Direta**, ano 11, n.º 118, estava sendo impressa em junho de 1957 quando José Oiticica faleceu subitamente.

Os três auxiliares que ajudavam o diretor, na feitura do jornal, só tiveram tempo de incluir na 3.<sup>a</sup> página a seguinte nota: “**Faleceu José Oiticica**”.

Profundamente consternados, comunicamos aos leitores o falecimento do companheiro e diretor do jornal, vitimado por um enfarte fulminante na madrugada de 30-6-1957.

“Já em máquina este número, seremos mais extensos no próximo.”

No número de julho, e nos subseqüentes, apareceram alguns artigos falando do mestre, do sábio, do anarquista, e do homem José Rodrigues Leite e Oiticica, nascido em Oliveira (Minas Gerais), aos 22 de julho de 1882. Quarto dos 7 filhos do ex-Constituinte e Senador da República, dr. Francisco de Paula Leite e Oiticica.

---

\* “A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos” foi publicada inicialmente em folhetim pelo jornal **Ação Direta**. Em 1947, um grupo de anarquistas de S. Paulo editou-a e logo se esgotou.

Em 1963, por iniciativa da Cooperativa Editora **Mundo Livre**, fundada pelo “Centro de Estudos Professor José Oiticica”, no Rio de Janeiro, lançou-se a 2.<sup>a</sup> edição esgotada pouco depois. Pensava-se então publicar uma 3.<sup>a</sup> edição quando a “revolução” de 1.º de abril de 1964, chegou para ficar... Solidários com esta vontade, um grupo de anarquistas unidos em torno do jornal anarquista da Capital portuguesa, **A Batalha**, com grande esforço, lançaram a 3.<sup>a</sup> edição que devia sair no Rio. Esgotou-se igualmente em Lisboa “**A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos**”, que agora é reeditada, pela Econômica Editorial, em S. Paulo.



Aluno interno no Colégio S. Luiz Gonzaga em Petrópolis e depois no Seminário Arquidiocesano S. José, de onde foi expulso por se rebelar contra os "bolos" de um padre.

Cursou Direito na Faculdade do Recife e na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, aprovado com distinção em todo o curso, formando-se em Direito no ano de 1902.

Decepcionado com sua profissão resolveu estudar Medicina até ao 3.º ano, optando depois por ser professor de História do Colégio Paula Freitas, no Rio de Janeiro.

Em 1905, casou-se com sua prima, Francisca Bulhões.

No ano seguinte fundou o Colégio Latino-Americano, no Leme (Rio de Janeiro), aplicando os processos pedagógicos da École des Roches, de Demoulin.

Em 1909 resolveu fazer concurso para relator dos debates da Câmara dos Deputados. Entre 16 candidatos foi classificado em 1.º lugar. Foram nomeados todos menos Oiticica.

Ao todo fez 6 concursos tirando sempre em 1.º lugar, mas a sua nomeação não saía. No ano de 1916 apresentou-se a concorrer à Cátedra do Colégio Pedro 2.º, defendendo uma tese onde demonstrava os erros contidos nos livros dos que iam examiná-lo. Antes, porém, convidou para assistir às provas Carlos Maximiniano, Ministro da Justiça na época, a quem estavam afetas as questões de ensino.

Nessa batalha José Oiticica foi aprovado em 1.º lugar por unanimidade e não pôde ser preterido como das vezes anteriores: Carlos Maximiniano nomeou-o catedrático de português do Colégio Pedro 2.º, de onde foi aposentado compulsoriamente ao completar 70 anos.

Homem reto, independente, leal, não cedia aos pedidos dos políticos nem aceitava imposições!

Dentro destes princípios de retidão profissional, um dia viu diante de si uma prova cheia de erros e deu nota zero!

Advertido de que se tratava do filho do presidente da República Wenceslau Brás, exclamou: "Pois devia estudar mais, para honrar o nome e a família ilustre que representa".

Considerado "príncipe dos poetas mineiros", Oiticica contestou o título no **Correio da Manhã** de 14-5-1927. Mas como poeta foi realmente um dos maiores da língua portuguesa.

"Músico tão profundo quanto poeta", foi assim que o classificou o escritor Cândido Jucá Filho.

José Oiticica foi um extraordinário contista, dramaturgo, dos maiores lingüistas, fonetistas, filólogos do Brasil.

Jornalista, escritor, não escolhia temas, escrevia ou polemizava sobre: anarquismo, metafísica, ciências e letras, religião, artes plásticas, música, teatro, matemática, física, química, filosofia, medicina,

psicologia, história, sociologia, economia, (afirmações do escritor Cândido Jucá Filho).

Além de tratar qualquer tema com conhecimento, profundidade e absoluta segurança, dominava o latim, o grego clássico, o francês, o inglês, o alemão, o espanhol, o italiano, o russo, o esperanto e outros idiomas.

Nos anos de 1929-30 esteve lecionando português e literatura na Universidade de Hamburgo, Alemanha.

De regresso ao Brasil, continuou sua atividade na Cátedra de português do Colégio Pedro 2.º, enquanto colaborava com seus companheiros de idéias.

Ensinou Arte de Dizer no curso de Especialização Teatral para professores, na Escola de Teatro da Prefeitura do Rio de Janeiro, e em 1952 teve um curso de português no Colégio do Ar, na Rádio Ministério da Educação.

## O polemista

O anarquista José Oiticica colaborou no jornal **A Lanterna**, no ano de 1912.

Em 1913, procurou a Federação Operária do Rio de Janeiro no Largo do Capim, (há muitos anos desaparecido), subiu as escadas, foi recebido por um operário carpinteiro a quem perguntou pelo presidente da entidade. Informado de que ali não existia presidente, só comissões administrativas que executavam as decisões das suas assembleias, Oiticica vibrou com a resposta e desde então jamais abandonou os trabalhadores.

Participava das greves, escrevia em defesa dos operários, proferia conferências nas suas entidades. Onde precisasse de um orador lá estava o anarquista José Oiticica!

Ministrou cursos, fez palestras, ensinou trabalhadores e foi preso, deportado, desterrado mas não se deixou vencer.

Em defesa de suas idéias e dos trabalhadores dirigiu "**Carta-aberta a Rui Barbosa**", onde se lia:

"Anarquista!" — Gritava V. Ex.<sup>a</sup>. E, em torno, os amigos de V. Ex.<sup>a</sup> (padres e juristas, generais e condes, políticos e comerciantes) ouvirão tons de dinamite, sentirão fedor de pólvora, verão punhais erguidos. O sr. Cardeal Arcoverde benzerá V. Ex.<sup>a</sup>, o sr. chefe de polícia alarmará secretas, o sr. Modesto Leal reforçará a burra ou as burras.

Peço a todos calma. Nunca surrei ninguém, nunca matei ninguém, nunca roubei ninguém, honro pai e mãe, não cobiço a mulher do próximo, dou pão a quem tem fome, visto os nus, não cobro a ninguém, obedeço fielmente às leis do país, cumpro os meus deveres meticulosamente, não faço operações por quatro contos, não exijo vinte por cento de inventários, não prorrogo sessões remuneradas da Câmara, não ganho mil-réis de cada firma reconhecida, não faço con-



trabando, não especulo, não fumo, não bebo, não jogo, não conheci Bolo-Paxá. Creio-me, modéstia à parte, um sujeito sofrível, nem ótimo para santo (tenho bom gosto), nem ruim para o xadrez”.

“Dirá V. Ex.<sup>a</sup>: Para escrever tal parecer, para intentar uma ação, tive de estudar como ninguém; meu pai gastou muito dinheiro com educar-me; despendi somas grossas com a biblioteca enorme que possuo. Tudo isso é capital acumulado, e eu cobro os juros desse capital e do meu talento”.

“Quem sustentara V. Ex.<sup>a</sup> enquanto estudava no colégio e na academia? “Meu pai”, dirá V. Ex.<sup>a</sup>. E eu contesto: Não. O pai de V. Ex.<sup>a</sup> pagava o colégio, academia, vestia V. Ex.<sup>a</sup>, comprava livros, gastava dinheiro. Dinheiro é riqueza, representação social de riqueza produzida pelos trabalhadores. Enquanto V. Ex.<sup>a</sup>, felizado, estudava, desenvolvia o seu espírito, milhares de crianças sem pai rico não podiam estudar, e não podiam estudar porque a sociedade os obrigava a trabalhar, para viver, nas oficinas, nas fazendas, nas senzalas. É verdade: no tempo de V. Ex.<sup>a</sup> estudante e acadêmico, era a senzala, o negro escravo, os molequinhos que não tiveram a fortuna de nascer brancos como V. Ex.<sup>a</sup> e filhos de homem rico ou influente. V. Ex.<sup>a</sup> se educou com as mortificações desses desgraçados, com o sangue do proletariado negro, que sustentava os senhores déspotas”. (**Correio da Manhã**, Rio, 26-2-1918).

Pouco depois de ter “contrariado” publicamente “um mito brasileiro” que poucos ousavam desafiar, o anarquista José Oiticica, em “Carta-aberta contesta o todo-poderoso chefe de Polícia, Dr. Aurelino Leal”, em defesa dos trabalhadores e da Federação Operária do Rio de Janeiro, nos seguintes termos:

“Exmo. Sr.: Um tópico do meu artigo “O que não se fez” irritou V. Ex.<sup>a</sup>, excitou-lhe as primas da alma e fez V. Ex.<sup>a</sup> enviar ao 1.<sup>o</sup> delegado de Polícia aquele ofício preventivo de catástrofes iminentes. Mandou-lhe V. Ex.<sup>a</sup> o **Correio da Manhã** com meu artigo tatuado de vermelho para assinalar ao deszeloso serventuário o fato grave do restabelecimento, melhor, do renascimento da Federação Operária, extirpada, há um ano, por V. Ex.<sup>a</sup>”.

“Quem lê isso põe as mãos a orar, agradecendo ao Ser Supremo a dadivosa prenda feita à pátria dos Tupiniquins.

V. Ex.<sup>a</sup> é o salvador desta Grande Pátria, mas atrevo-me a lembrar-lhe que V. Ex.<sup>a</sup> nunca se rebaixou a visitar a Federação amaldiçoada. V. Ex.<sup>a</sup> fala de oitiva, pelo que lhe foi contar a sórdida patrulha de secretas, conhecidíssimos dos operários e por eles repelidos com o mais soberbo dos desdêns.

Se o meu testemunho vale alguma coisa, posso atestar a V. Ex.<sup>a</sup> que o convívio de cinco anos com a tal VASA internacional me aproximou daqueles mesmos “Anarquistas Perigosos” que V. Ex.<sup>a</sup> mandou prender, no ano passado. Esses homens, por exemplo, Máximo de Macedo, Pedro Matera, José Gaiazza, Primitivo Soares, Mações e outros, são homens de uma energia moral a toda a prova, de modelar honestidade, cuja dedicação proclamo altamente como título de honra. Para eles abrem-se as portas da minha casa, que eu fecho terminantemente aos subordinados de V. Ex.<sup>a</sup>, à vasa nacional que V. Ex.<sup>a</sup> cria e paga nesse antro de patifes, assassinos, bêbedos e ladrões, nesse valhacouto oficial da capangagem vil, que é a polícia secreta de V. Ex.<sup>a</sup>”.

E continuava:

“Se V. Ex.<sup>a</sup> quer salvar o Brasil, comece pela vasa nacional, e se não tem ânimo nem força para começar de cima, inicie o seu trabalho pela estrebaria da Chefatura de Polícia. É realmente indecoroso, nauseante, repulsivo, esse corpo de agentes que V. Ex.<sup>a</sup> sustenta e ouve. Há nele desde o delator mentiroso, falso, até ao assassino criminosamente indultado.” (**A Rua**, Rio, 19-4-1918).

Pouco depois José Oiticica é preso “por ser um dos responsáveis pela Greve Geral insurrecional de 18 de novembro de 1918, no Rio de Janeiro ” e deportado para Alagoas. O sr. Aurelino Leal conseguiu “desferrar-se” da “ousada Carta-aberta”.

Mas o desterro não impediu que Oiticica continuasse pregando suas idéias. Começou a falar delas aos pescadores, em reuniões noturnas, à luz de vela, atraindo inclusive Octávio Brandão que teve seu livro **Canais e Lagoas** prefaciado por Oiticica, passando a dizer-se anarquista, veio para o Rio, escreveu poesias libertárias, fez discursos acratas, tornou-se seu adversário ideológico em 1923, inimigo oculto em 1928 e seu detrator durante a decrepitude evidente a partir de 1957.

### A figura humana

Durante o “reinado” de Artur Bernardes, José Oiticica foi preso na sala de aula do Colégio Pedro 2.<sup>o</sup>, levado à Polícia Central onde passou alguns dias até ser confinado na Ilha Rasa por 7 meses.

Em 1925 foi transferido para a Ilha das Flores e depois para a Ilha do Bom Jesus.

Durante estas “férias” escreveu **A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos** em papel de embrulho e **Carta ao escritor Jackson de Figueiredo** onde a personalidade e a integridade do anarquista José Oiticica aparece de corpo inteiro!

Eis um pequeno trecho:

“Ilha de Bom Jesus, 22-8-1925. Meu caro Jackson: Releva-me escrever-te neste papel, único de que disponho aqui. Acabo de receber tua carta de 19. Comoveu-me sobremodo ver quanto insistes na minha libertação, chegando a assumires, contra minha vontade, perante o Presidente da República, o Compromisso do meu bom comportamento. Pedes-me anua a teu empenho e declare, em carta, consentir na tua responsabilização espontânea. Não podes avaliar, meu caro amigo, o sobreesforço moral com que recuso semelhante oferta. Primeiro, por dar um desiludente não a quem me prova tanto apreço e amizade, hoje raríssima. Segundo, por ferir pungentemente, com mais uma desesperança, minha adorada Companheira de vida e alongar por meses ou anos a precária situação de minhas filhas, já tão prejudicadas em sua educação com minha ausência.

Tudo isso pesei e repesei, lutando contra o intenso desejo de rever meu lar e recomeçar, com dobrado afinco, a tremenda peleja



diuturna pela vida. Mas pertenço a uma escola que põe a serenidade e a inquebrantabilidade acima de tudo, não por orgulho, senão por coerência e retidão de alma. Demais, em carta que escreveu minha mulher, o mais adamantino caráter que jamais conheci no mundo, me avisa ela que aceite tua proposta, "se não for cousa que afete a tua dignidade". A tudo sobrepõe ela a minha dignidade. Prefere-me preso e ver-se tão cruelmente separada do seu companheiro de 35 anos (pois moramos juntos desde criança), a ter-me diminuído no meu brio ou na minha altivez. Recusando, embora prevendo indefinida prisão, mantenho íntegro, aos olhos dela, meu caráter, e mais forças lhe dou para resistir a tão duras provações".

Em 1937, é preso mais uma vez. Getúlio Vargas temia que Oiticica "pudesse desencadear algum movimento contra a ditadura".

Como figura humana, Oiticica era inconfundível!

Dir-se-ia que sua simplicidade e sua bondade eram tão grandes quanto o seu talento e o seu saber.

Conheci-o no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, em 1951. Levado a sua casa por Manuel Perez, fiquei surpreso com sua modéstia.

Sentava-se no chão sempre que podia, ouvia com a mesma seriedade e atenção o operário e o mais preparado dos colegas que ali apareciam; o jovem e principiante nas idéias e o mais penetrado e culto militante anarquista!

Ninguém se sentia constrangido diante de Oiticica, sempre pronto para fazer alguma coisa pelos outros, ensinar, dar jornais, livros, enfim, ajudar todos os que o procuravam para falar do anarquismo ou colher ensinamentos.

Como todo homem íntegro e bom, era também algo ingênuo. Aproveitando-se desse rasgo de boa fé, muitos oportunistas exploraram seus conhecimentos, sua cultura.

Alguns vi comparecer à sua moradia para ouvir Oiticica e depois desertar.

Entre as pessoas que conheci em sua casa, uma delas — Moniz Bandeira — egresso do PCB, engajado no movimento trotskista, mais tarde, em seu livro **O Ano Vermelho**, escrito com material "cedido" pelo também anarquista Edgard Leuenroth, sem conhecer razoavelmente o ser humano, José Oiticica, escrevia: "Muitos anos depois, em 1957, José Oiticica, cheio de ódio e de melancolia, recordava a Cisão". Isto evidentemente foi um "arranco leviano" do autor de **Ano Vermelho**, já que só se pode analisar pessoas quando se conhecem! Na verdade Moniz Bandeira queria levantar a **memória** de alguma coisa que não tinha **memória** e Oiticica atrapalhava mesmo depois de morto!

Nas águas turvas em que nadara Moniz Bandeira, mergulhou mais tarde John F. W. Dulles, "pescando documentos" para seu livro **Anarquistas e Comunistas**, usando "depoimentos policiais" inseridos no livro de Bandeira, transformando-os em "verdades históricas", na intenção de denegrir Oiticica e sua esposa.

Este mesmo autor, e sua equipe de pesquisadores financiadas por entidades espúrias, valeu-se igualmente da evidente decrepitude de Octávio Brandão para vestir com "roupa nova" o crime da rua Frei Caneca, cometido em 1928, pelos "Rapazes da Tcheka" (agentes do PCB, partido responsável pela elaboração de uma lista de anarquistas a ser assassinados, inclusive Oiticica, que avisado a tempo não compareceu), durante uma polêmica começada no Sindicato dos Remadores, continuada no dos Têxteis e terminada na União dos Trabalhadores Gráficos, com sede na Rua Frei Caneca, 4 — sobrado.

João da Costa Pimenta, Octávio Brandão, Roberto Morena, o deputado Araujo Lima, oportunista pouco depois expulso do PCB e outros, contaram com Pedro Bastos, Eusébio Manjão, tchekistas do Rio, como executores do plano. (Doc. no arq. do A.)

Apesar dos "adversários gratuitos" como F. Dulles — cuja capacidade mediana se evapora diante da grandeza humana e da erudição do "anarquista perigoso" —, José Oiticica é hoje nome de uma rua na cidade de Campo Grande, Rio de Janeiro, de um "Edifício" em Niterói, e deu nome a um **Centro de Cultura Social** "fechado" para férias coletivas em 1969, pelos revolucionários de abril.

## O tempo e os adversários do anarquismo

**A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos** foi escrita sob o efeito emocional e psicológico da deportação nas Ilhas das Flores e do Bom Jesus, no ano de 1925. Há, portanto, 57 anos, tempo bastante para envelhecer pessoas e idéias, ou torná-las ultrapassadas.

Por isso a obra de José Oiticica não abrange concepções libertárias de autores mais recentes como Rudolf Rocker, Eugen Relgis, Alex Confort, Herbert Read e outros vultos do anarquismo e nem as transformações nos regimens bolchevista e democrático, ocorridas neste meio século que nos separa do ambiente em que a mesma foi escrita.

Não podemos ignorar igualmente que vivemos hoje novos processos de exploração condicionadores e robotizadores introduzidos pela tecnologia e a eletrônica. O empilhamento das populações em espigões de aço e/ou concreto armado, em compartimentos estanques, implantados em cidades altamente poluídas pelas indústrias, a vigilância com ajuda dos computadores e a substituição do braço operário pelos robôs, isolando o homem, reduzindo-lhe a sensibilidade, o sentido da solidariedade humana, há cinquenta anos atrás praticamente não existiam.

Nesses anos distantes o homem não era "fiscalizado" pelos computadores, hoje à disposição dos Governantes, nas sedes da polícia para codificá-lo, numerá-lo, escrever-lhe a biografia com um apertar de botões e nem o império das informações, detentor e ne-



gociente dos Canais de Comunicações, encarregados de divulgar notícias desportivas, comerciais, músicas, cigarros, drogas milagrosas ilustradas com jovens nuas, repetidamente até saturar pela fantasia o poder de audição humana, reduzindo a capacidade de recepção do ouvinte pelo bloqueio do cérebro, produzindo dificuldades à inteligência na escolha e decisão. Em 1925 o comerciante estava longe de transformar as pessoas, principalmente a juventude, em propagandistas itinerantes de seus produtos. Mas em que pesem os anos decorridos, as mudanças tecnológicas, políticas e sociais, **A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos**, de José Oiticica, ainda é uma mensagem emancipadora, um convite à reflexão, ao estudo do Anarquismo!

O anarquista não ignora que o ser humano, encarado individualmente, traz ao nascer disposições psíquicas que, no conjunto, refletem as influências atávicas, hereditárias, exercidas ao longo dos séculos transmitidas de gerações a gerações, e que esses males não desaparecem da noite para o dia, com castigos e/ou pancadas no exterior do homem quando o mal vêm do cérebro, é interno, nem com a marginalização e a punição. Do meio em que cresceu, do ambiente — dentro do lar, em torno do lar e na escola — em que vive os primeiros anos de vida, dependerá a formação de seu caráter e este guiará os seus atos durante a sua existência.

As forças atávicas, o temperamento, as influências ambientais do meio que cercam as crianças e lhes impõem formas de vida, as pressões religiosas, políticas, econômicas, sociais e a educação determinarão a sua personalidade, o seu comportamento positivo, negativo, variável e/ou artificial. O ser humano é fruto da sociedade em que viveram seus antepassados, do meio onde nasceu, dos padrões religiosos, políticos, econômicos, sociais, culturais, opressivos e repressivos predominantes com os quais teve de conviver. Aí estão as manchetes dos jornais, as notícias da imprensa falada e o que acontece nos bastidores, uma vez ou outra do conhecimento do público para mostrar aos jovens de hoje, o comportamento dos adultos do seu tempo, em cujas escolas aprendem a explorar, a punir e a governar os seus semelhantes. E não se diga que isto é fruto dos regimens capitalistas, porque nos “socialistas”, como a Rússia, os atos anti-sociais e de violência são freqüentes, em muitos casos até em percentagens superiores aos regimens democráticos.

Logo, não é válida a concepção de que o poder e o Governo evitam, pela sua existência, e com suas punições, atos anti-sociais e violentos.

O anarquismo pode perfeitamente demonstrar que estes são o resultado da organização social baseada nas hierarquias e na desigualdade a todos os níveis. O roubo, os atentados contra pessoas e contra os bens resultam na organização viciada que impede uma imensa maioria de seres humanos, como nós, de satisfazer as suas

necessidades físicas e psíquicas, materiais e emocionais! Têm suas raízes na propriedade privada, suas origens no “direito” de uns poucos estragarem aquilo que milhões carecem, em geral os que trabalham oito e mais horas diárias. E, quando o impulso do temperamento é demasiado forte, quando a necessidade fala mais alto, a injustiça grita primeiro, o indivíduo “infringe” as leis estatais, estudadas, escritas, aprovadas e decoradas por uns poucos para submeter muitos à obediência, para consagrar a espoliação do homem pelo homem. Tais atos são qualificados de anti-sociais, quando eles na realidade têm origem na opressão, na desigualdade codificada e garantida pelos Governantes, que detêm as riquezas naturais, a ciência a tecnologia, e se transformaram em sócios do trabalho assalariado, recebendo sua parte em forma de imposto.

Numa sociedade em que cada indivíduo tenha a faculdade de se desenvolver livre e integralmente, enquanto educado dentro de padrões de liberdade responsável, como elemento ativo, participante e usufrutuário, estes atos certamente serão reduzidos a um mínimo de desajustes psíquicos, dada a ausência das causas que hoje os determinam. Por outro lado, está provado cientificamente, que dentro da atual sociedade, não existe nenhum meio repressivo e/ou punitivo capaz de impedir que os atentados à criatura humana e à propriedade privada aconteçam. A violência imposta a nível de sociedade gera a violência individual cada vez em maiores dimensões, e para punir os “infratores”, o Governo procura soluções externas. E no entanto o mal tem de ser combatido nas suas origens, está intrinsecamente ligado ao meio ambiente, às potencialidades hereditárias, à educação desigual a que o ser humano é submetido desde a infância!

O homem “infringe” códigos e leis elaboradas pelo seu semelhante acreditando poder burlar a vigilância e escapar à penalidade determinada para castigar seu ato. Comete delitos anti-humanos e anti-sociais a todos os níveis, porque sua vontade é insuficiente para impedir os motivos psicológicos que o impulsionam a praticá-los! A insuficiência da sua vontade resulta da educação recebida, dos meios freqüentados, faz parte dos seus vícios orgânicos, dos arquétipos hereditários e da deformação do caráter que lhe foi imposto pela sociedade. E por mais violentas que as leis sejam, são sempre impotentes para prevenir e evitar os delitos e os crimes, (a pena de morte nunca impediu o crime, logo comprova nossas afirmações).

Ao contrário, a violência de cima ativa a violência de baixo, provoca-a, ajuda-a a crescer.

Por isso, sua impotência reflete a sua incompetência! Nega a sua própria validade! É a sua autocondenação! Quando a autoridade irracional pensa acabar com a necessidade, a usurpação que ela mesma representa e defende, contrariando o direito das pessoas e



é impotente para cumprir sua pretendida missão, declara-se falida na realidade!

O Governo ou é dominação brutal, violenta, autoritária de uns poucos sobre muitos, ou é um mecanismo diplomático, criador de cercas jurídicas para assegurar o domínio e o privilégio daqueles que, por força, astúcia ou herança, monopolizaram todos os meios de vida: a ciência, a tecnologia, a eletrônica, os canais de comunicação, a energia, o maquinário, empórios imobiliários, o solo e o subsolo, fontes de matérias-primas, servindo-se deste potencial para manter o povo dependente, seu assalariado.

Tais sistemas políticos empregam dois métodos principais para dominar e punir o homem: diretamente pela força bruta, a violência física e psicológica, e indiretamente, transformando o produtor em assalariado, reduzindo-lhe a subsistência, obrigando-o assim a submeter-se incondicionalmente às suas condições. O primeiro é originário do poder, do privilégio político; o segundo é proveniente do privilégio econômico. A opressão pode ser determinada também por condicionamentos segregacionais e/ou injetados na inteligência e nos sentimentos por força da religião, do conceito de pátria, na escola, na Universidade e no seio da família, em doses homeopáticas. Mas da mesma forma que essa aceitação só existe como resultado das imposições materiais, também a mentira e as organizações fundadas para propagar esse sentimento só viverão enquanto forem conseqüência dos privilégios políticos, econômicos, hierárquicos e sociais. No dia em que isso foi abolido, os meios para defender e consolidar as classes, os privilégios, ruirão por carência de utilidade. Para os anarquistas, abolir a autoridade irracional, dispensar os seus serviços e os do Governo do homem sobre o homem, não significa destruir as energias e as capacidades individuais e/ou coletivas existentes na espécie humana, pelo contrário, a sua intenção é desenvolvê-las, aperfeiçoá-las, usando como motor de propulsão a liberdade responsável e a solidariedade humana!

O anarquista não pretende reduzir as energias humanas, isto seria o mesmo que reduzir a humanidade ao estado de uma massa de átomos imóveis, sem ação nem movimentos, seria a destruição de todo organismo social, a sua morte.

Ao contrário, sua meta é fazer de cada indivíduo uma unidade ativa, capaz de dirigir seus movimentos, gerir sua produção, de se autogovernar. O anarquista quer promover abolição do monopólio da força e da influência deformadoras, ou mais exatamente, substituir todos os maquinismos capazes de alienar o homem, de desmemoriá-lo e converter a desigualdade social em instrumento do pensamento, dos interesses de um pequeno número de indivíduos, que canalizam e absorvem energias usando-as exclusivamente em proveito próprio, impedindo assim que estas se convertam numa ordem social generosa e boa para todos.

Em contraposição ao sistema que tem como pilares de sustentação a autoridade irracional, o Governo e o clero incapazes de tornar o homem irmão do homem, de uni-lo voluntariamente, o anarquista trabalha pela reconstituição de uma sociedade em que cada ser humano possa ser solidariamente produtor-consumidor, na medida de suas forças, capacidades, aptidões e necessidades; trabalha por uma **Educação Nova**, capaz de converter os seres humanos em irmãos convictos, conscientes de que o bem-estar ou a infelicidade de um dos seus membros, significa a alegria ou tristeza de cada um e de todos.

Os anarquistas firmam-se na falência político-administrativa dos Governos conhecidos até hoje, para proporem uma nova ordem social resultante da liberdade de relações entre indivíduos livremente associados, sempre dissolúveis, ligados por laços de solidariedade humana.

Partindo deste ponto, a moral anarquista pretende o desenvolvimento da vontade individual, já que só homens com vontade própria, conscientes, de mentes arejadas, com amplas visões humanistas e ecológicas, serão individualmente capazes de se autodirigirem, de vencer os atavismos, de arrancar de dentro de si mesmo o "pequeno-reacionário" que cada um de nós carrega no inconsciente coletivo e que tanto dificulta o indivíduo de perceber verdades incontestáveis! Que não tem necessidades superiores ou inferiores às dos seus semelhantes, nem precisa de líderes ou chefes para construir uma **Nova Sociedade** onde um homem vale um homem. Que do livre concurso de todos mediante associações espontâneas dos indivíduos, segundo suas simpatias (afinidades de temperamento e/ou emocionais) e carências de baixo para cima, a partir de interesses e necessidades imediatas, até chegar às mais afastadas e gerais. Nascerá então uma organização social sempre sujeita a modificações em razão da maior experiência adquirida, já que o anarquista é um estudioso permanente, um pesquisador em busca da perfeição. Todos os dias abrem-se caminhos novos para o aperfeiçoamento em benefício da nova sociedade. Em Anarquia nada é estável, definitivo, tudo evolui.

### **Anarquia e ordem**

Anarquia soa aos ouvidos da maioria das pessoas como uma catástrofe, ou, na melhor das hipóteses, como uma idéia ingênua, uma "saborosa" utopia.

Falar de Anarquia, significa, para muita gente, pregar o fim do mundo!!!

E, curiosamente, os que a temem, combatem ou denigrem, se lhes perguntarem o que é Anarquia, não sabem defini-la concretamente. Assim mesmo são contra!!!



Anarquia tem adversários e inimigos, à esquerda, à direita, ao centro e os que ouviram os outros dizer que é irrealizável. Muitos cursaram universidades, são professores eméritos, escritores, historiadores, poetas, advogados, políticos bem falantes, clérigos, autoridades altamente credenciadas e premiadas; outros são simplesmente comerciantes, burgueses, socialistas, bolchevistas, fascistas, artistas formados nas faculdades de oficina, da fábrica, do campo, do mar, e/ou candidatos a governantes, todos “grandes” conhecedores das idéias anarquistas ensinadas pelos dicionaristas, os colaboradores das enciclopédias, e/ou colhidas nos relatórios policiais.

Seus críticos raramente se dão ao trabalho de ler obras anarquistas, a sua imprensa. Formam uma imagem negativa da doutrina acrata antes de a conhecer, de a ter estudado. Procedem de forma inversa dos católicos. A maioria destes acreditam no que diz a bíblia sem a ter lido. Os adversários do anarquismo não acreditam nele porque o não leram. Daí ouvir-se freqüentemente usar o vocábulo Anarquia como sinônimo de desordem, e o de anarquista como um amante da violência, um demolidor da Sociedade!

Para os mais generosos, o anarquista é “um visionário, sonhador, utopista”.

E, no entanto, Anarquia é um estado de sociedade governada pela razão, pela ordem voluntária, e pela educação. Em Anarquia todos os seres humanos têm direito à vida e ao usufruto das riquezas naturais e advindas do trabalho livremente associado. É uma comunidade humana baseada fundamentalmente na liberdade que permite aos indivíduos desenvolver todas as suas potencialidades criadoras, artísticas e o sentido da solidariedade com o “mágico poder” de ligar os homens emocionalmente pelo coração e pelo cérebro.

O anarquista é, portanto, uma pessoa adepta da Anarquia. Um cidadão contrário à desigualdade existente nas sociedades mercantilizadas, bélicas, imperialistas, exploradoras que alienam e subjagam as pessoas em prejuízo da felicidade, da vida!

Para o anarquista a coisa mais importante a preservar e a desenvolver é o ser humano, por isso advoga a liberdade integral, (física, psíquica, religiosa, política, econômica, etc.) como meio de permitir a cada indivíduo a possibilidade de despertar e desenvolver todas as suas capacidades e aptidões, sem temores, cerceamentos e/ou frustrações.

Sociedade aberta, cultiva a liberdade como direito também de defesa da própria liberdade, como a saúde e o oxigênio que respiramos. Por isso mesmo Anarquia e Ordem não são inimigas.

### **Anarquismo e doutrina**

O anarquismo firma-se no apoio mútuo e na Solidariedade humana. É uma doutrina profundamente humanitarista. Seus militantes

integram-se ideologicamente formando organismos humano-sociais, valores universais dentro dos Grupos, das federações e na sociedade.

O anarquismo embasa-se numa Nova Ordem Social de liberdade plena, na qual as riquezas naturais, resultantes do trabalho manual, intelectual e mecânico ou eletrônico, isto é, a produção, o consumo e a educação, devem satisfazer às necessidades de todos e de cada um, independente das idades, sexos, raças e/ou cores.

O anarquismo propõe a substituição da organização regulamentada por cercas jurídicas, obrigatoriamente padronizada e robotizadora, pela organização voluntária, embasada no livre-acordo, espontaneamente firmado por afinidades, eternamente dissolúvel, desde que os interesses e reciprocidades deixem de existir.

Tornou-se hábito estabelecer consensos, regras, leis condicionadoras, em dimensões tais que alienem o homem para que este aceite resignadamente a desigualdade e a exploração. O anarquismo opõe-se a estes costumes, não aceita que o homem precise ser governado e/ou explorado, e repele o conceito condicionador de que o contrário, além de utópico, é irrealizável, uma calamidade pública de proporções incalculáveis.

Não é verdade que o indivíduo precise sofrer a autoridade dos governantes e dos seus auxiliares, para ser cumpridor de seus deveres, saber conviver com a liberdade que, por obra e graça de sofismas políticos, “termina sempre onde começa a do seu semelhante”, como se todos os seres humanos tivessem necessidades que pudessem ser medidas ou pesadas.

O anarquismo — doutrina dos anarquistas — rechaça a “convicção” de que o homem deva deixar-se deformar abdicando daquilo que possui de mais importante: a inteligência, a razão, a vontade de ser livre! Vê a liberdade como um patrimônio público, tão necessário ao desenvolvimento humano quanto a luz e o ar que respiramos.

Por isso os anarquistas advogam que o acesso de todos a esse valioso **Bem Comum** se transforme em **Princípio** dentro da **Nova Educação!**

O anarquismo é a filosofia da Humanidade. Todos nós — querendo ou não — somos um pouco anarquistas. Os seres humanos se completam no anarquismo e atingem a expressão máxima de seu desenvolvimento.

O anarquismo não se fecha, não está enquadrado em nenhum esquema preestabelecido a servir de roteiro para a conduta humana. É a própria Vida! Vai até onde o sentido da liberdade o possa conduzir. A essência da **Anarquia** é a liberdade plena e a responsabilidade. A sua atualidade fica provada pelo interesse despertado nas novas gerações de pesquisadores, professores, escritores, teatrólogos e cineastas. Ai estão suas obras, suas novelas, seus filmes.

Eis a mensagem da **Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos**, de José Oiticica.

Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1983



Primeira Parte

## I

1 — **Noção da felicidade** — Todos nós na vida, temos nosso quinhão de sofrimentos e, ainda quando sejam mínimos os nossos, vemos, em torno, tragédias quotidianas, desgraças individuais ou calamidades coletivas.

A minoração desses sofrimentos constituem o **progresso**, para o qual concorrem sábios, filósofos, pedagogos, obreiros manuais, etc.

Os homens procuram tenazmente minorar, quanto possível, essas dores e alcançar um estado de máxima felicidade.

2 — **Noção do bem e do mal** — A tudo quanto produza o sofrimento chamamos **mal** e a tudo quanto o minore e evite, ou aumente a felicidade, chamamos **bem**.

Entretanto, para compreender mais profundamente em que consiste o **bem** e o **mal**, importa conhecer qual o processo geral da **vida** na terra.

3 — **Energias universais** — O mundo é um jôrro de energias. Essas energias manifestam-se sob vários aspectos, luz, calor, eletricidade, magnetismo, gravitação, etc.

O corpo humano, como o de qualquer ser vivo, é também um equilíbrio de energias entre as energias universais, ou, mais claramente, é uma máquina transformadora de energias cósmicas, absorvidas no alimento e no ar respirado. Quando a máquina, por algum defeito, se torna incapaz de operar convenientemente essa transformação dá-se o depauperamento do corpo e a morte.

4 — **Energias favoráveis e desfavoráveis** — A natureza, isto é, o conjunto de tôdas as energias, não é, para o homem, nem **boa**, nem **má**; é **indiferente**. Só os **efeitos** dos fenômenos naturais sôbre a vida humana são **bons** ou **maus**. Assim, por exemplo, a

**chuva**, por si, não é boa nem má; entretanto, a mesma chuva, no mesmo lugar, e à mesma hora, pode ser boa para um lavrador e má para outro, conforme a espécie da lavoura ou as condições topográficas.

Só há, portanto, para o homem, energias **favoráveis** ou **desfavoráveis**.

5 — **Energias aproveitáveis** — O problema vital do homem, como o de qualquer ser, cifra-se em **aproveitar**, no mundo, as energias favoráveis ao seu organismo e anular ou desviar as energias desfavoráveis.

Uma cachoeira perturba a navegação de um rio, é, pois, energia desfavorável; mas, captada para mover turbinas, fornece eletricidade e torna-se energia favorável.

As energias susceptíveis de utilização pelo homem são energias **aproveitáveis**.

E agora podemos definir, com exatidão, o **bem** e o **mal**. É **bem tudo quanto concorre para manter** ou aumentar energias **aproveitáveis**, e **mal tudo quanto concorre para diminuir** ou **estorvar o aproveitamento** dessas energias.

6 — **As cinco feições das energias humanas** — O homem, como transformador de energias cósmicas, manifesta, em sua existência social, essas energias sob quántuplo aspecto: energias **físicas, mentais, morais, práticas e sociais**. As primeiras chamam-se vulgarmente **vigor e saúde**; as segundas, **inteligência e cultura**; as terceiras, **vontade e caráter**; as quartas, **habilidade e vocação**; as quintas, **altruismo e sociabilidade**.

Veremos adiante que, sobre essa divisão quántupla, deve assentar todo o sistema da educação.

7 — O problema humano consiste em **obter da terra a maior soma de felicidade geral**.

Isso consegue-se, antes de tudo, pela ciência, porque só ela estuda as energias naturais, descobre os meios de aproveitá-las, ou desviá-las se são desfavoráveis.

## II

8 — **O malestar humano** — O eminente escritor anarquista, Sébastien Faure, escreveu um livro intitulado **A dor universal**. Mostra êle, nesse livro, que todos os homens sofrem, qualquer que seja sua condição social, muito mais do que seria natural sofrerem. Descreve, com absoluta verdade, os padecimentos dos homens, padecimentos em grande parte evitáveis, se a sociedade estivesse organizada diferentemente. Lembra os profundos vícios, como o alcoolismo, o jôgo, a prostituição, os estragos do éter, da morfina, da cocaína, os latrocínios, os processos, as guerras, o militarismo, a escravidão dos trabalhadores rurais e urbanos, a luta de morte entre banqueiros, comerciantes, políticos, o pavoroso encarniçamento de homens e mulheres atrás do dinheiro, denominador comum de todos os valores terrenos.

Assim se explica êsse malestar humano, essa perpétua crise social em tôdas as nações e cuja causa fundamental só a doutrina anarquista conseguiu revelar, analisar e resolver.

9 — **Causas do malestar humano** — As causas da infelicidade são de duas ordens: **naturais e artificiais**.

As **naturais** são os próprios fenômenos do universo, as próprias energias cósmicas desfavoráveis, que o homem não logra anular ou evitar; exs.: os terremotos, as erupções vulcânicas desastrosas, as chuvas demasiadas, as sêcas prolongadas, as resacas marítimas, as inundações fluviais, as epidemias, as moléstias, etc.

Pouco a pouco, os homens vão minorando a intensidade e a extensão dessas causas com suas invenções e descobertas.

As causas **artificiais** são decorrentes da má organização social; exs.: a escravidão, o militarismo, o banditismo, a miséria, a prostituição, os vícios, etc. Mas todos êstes males são conseqüentes a uma causa única, fundamental: **a propriedade**.



10 — **Noção da propriedade** — Os homens tiram as riquezas necessárias ao seu sustento, da terra. Das minas, extraem minerais; nas leivas, plantam cereais; dos pomares, colhem frutos; nas fábricas, manufacturam objetos de uso, utensílios, instrumentos de produção. Essa atividade do homem chama-se trabalho.

Do seu trabalho exclusivo um só homem não conseguiria viver, ou viveria na miséria. Mas **a união faz a força**, e os homens, associando-se, centuplicam os seus poderes com a especialização e o método, conseguindo resultados verdadeiramente incriveis: colossais edificios, gigantescas pontes, maravilhosos navios. Assim, ao passo que, sozinho, o homem seria pobre, todos os homens, bem associados, deveriam ser opulentos. Entretanto, somente poucos são milionários; grande número, apenas remediados, e a maior parte, paupérrimos. Por que isso? Porque a pequena fração dos ricos tomou para si toda a terra. Se um indivíduo necessitado apanhar uma enxada e entrar a lavrar um terreno inculto, logo lhe sai pela frente outro homem que lhe embarga o trabalho por ser exclusivamente seu aquele terreno. Ele é o **proprietário**, o **dono**, o **senhor** e tem o **direito de propriedade** sobre aquele lote, podendo permitir, ou não, que outro homem o cultive. Quando permite, reserva para si um quinhão, geralmente o maior, dos produtos colhidos pelo agricultor.

Vamos ver que esse **direito de propriedade** é a fonte de todas as injustiças e desgraças humanas artificiais.

11 — **Injustiça da apropriação da terra** — Esse direito de **monopólio da terra** obtido por **compra, herança, doação, guerra**, etc. parece-nos natural e justo porque estamos, há milhares de anos, a ele habituados; porém, facilmente avaliaremos a monstruosidade que isso é com três simples considerações:

a) — Suponhamos que algum extraordinário inventor lograsse um meio de apropriar-se de todas as águas potáveis e nos impusesse, a trôco de água, serviços ou dinheiro. Figuremos ainda que outro se apropriasse da atmosfera e se pusesse a vender-nos balões de ar, ou ainda, outro, captando a luz do sol, nô-la cedesse por dinheiro. Tê-los-íamos por infames egoistas. O sol, o ar, as chuvas, o mar são **dons naturais** e ninguém tem o direito de se apropriar deles para explorar os outros homens, pois os dons naturais são, e devem ser, segundo ensina a economia burguesa, gratuitos; não devemos comprá-los, nem pagá-los com

trabalho. Ora, isso que achamos tão monstruoso com o ar, a luz, o mar, as águas pluviais não nos revolta relativamente à terra. Entretanto é o mesmo caso. A terra é igualmente **dom gratuito** da natureza e ninguém deveria apossar-se dela, nem retalhá-la para explorar o trabalho dos demais homens.

Essa é a **injustiça fundamental** da organização vigente e contra a qual os anarquistas se rebelam, demonstrando que, dessa injustiça, derivam todas as outras injustiças. O anarquismo declara que a apropriação das terras por um indivíduo, como a apropriação das águas, do ar ou da luz, é um **roubo** feito aos outros homens, uma extorsão criminosa, o êrro inicial de todas as desordens sociais.

b) — Essa injustiça se torna patentíssima se repararmos, por exemplo, na instituição legal da **herança**. Nasce um indivíduo e, se o pai é dono de léguas e léguas quadradas de terras, só pelo fato de ser o pai o proprietário, sem nenhum esforço ou trabalho seu, sem concorrer com o seu contingente físico ou intelectual, torna-se **herdeiro**, isto é, dono dessas terras, podendo vendê-las, arrendá-las ou deixá-las totalmente incultas. E os demais homens necessitados não têm o direito de lavrar essas terras sem consentimento do herdeiro.

c) — **Essa injustiça fundamental** é tão grave, que tornou o regime econômico mundial um verdadeiro **paradoxo**, a saber, **mais tem quem menos trabalha** ou **menos tem quem mais trabalha**.

Com efeito, o **proprietário** da fazenda ou da fábrica ou da casa comercial ocupa-se dos serviços, mais suaves, quando se ocupa, e auferre os maiores lucros, ao passo que os escravos, os salarizados, os caixeiros, os operários, aqueles que mais horas e mais pesadamente trabalham, recebem, sob forma de **ordenado**, uma fraçãozinha das riquezas produzidas.



## III

12 — **Propriedade e autoridade** — Se alguém se apropriasse da luz solar, os outros homens se revoltariam e, por todos os meios, tratariam de privá-lo desse odioso monopólio. Igualmente, conquanto há séculos habituados ao regime da propriedade, os não proprietários se revoltariam contra os possuidores das terras, se estes não se defendessem, usando da força, da violência, de todos os meios de coação, física e moral. Estudaremos esses meios, um por um, mais tarde. Eles constituem, na realidade, um aparelhamento complicado.

A organização dessa força compressiva chama-se **autoridade** e seus órgãos são vários: rei, presidente da República, ministros, chefes de polícia, delegados, almirantes, generais, juizes etc., etc.

13 — **A concorrência** — Os possuidores, entretanto, não lutam somente contra os não possuidores; procuram, de todo o jeito, extorquir-se mutuamente. Cada qual deseja mais possuir, enriquecer sempre e todos investem, furtando. Essa luta chama-se **concorrência**.

Essa concorrência, dizem os defensores da propriedade, é o maior incentivo do progresso, pois estimula os homens para a luta pela vida, fazendo-os inventar aparelhos, aperfeiçoar máquinas, descobrir processos de fabricação, apurar a técnica industrial. Isso é perfeitamente exato e nada objetaríamos se os males por ela gerados não fossem tão extensos e profundos, que reduzem o progresso humano à lenta e dolorosa marcha através dos mais duros sofrimentos. Veremos adiante todos os desastres resultantes da concorrência; mas, desde já, entremostraremos o seu vício fundamental com uma simples observação.

Se o problema do homem é lutar contra as energias naturais desfavoráveis para anulá-las ou evitá-las, transformando-as, quanto possível, em favoráveis e aproveitáveis, evidentemente melhor o fará pela colaboração inteligente de todos, do que pela encarniçada luta de uns com os outros. A última guerra, a guer-

ra mundial, foi o mais extraordinário esforço conjugado dos homens, corpóreo e mental, da história. Se todo esse incalculável acervo de energias naturais se voltasse contra as energias naturais desfavoráveis, o homem teria, em cinco anos, realizado formidável progresso. Um sábio francês calculou que, se uma fração insignificante do dinheiro gasto pela França em canhões, metralhadoras, carabinas, navios e aviões, durante a guerra, fosse aplicada a captar as cachoeiras do Ródano, essa energia elétrica, ainda hoje desaproveitada, forneceria trabalho para mais de cem milhões de homens. Entretanto, a população da França decresce, não havendo atingido quarenta milhões. E esse mesmo autor observa que várias tentativas têm sido feitas para aproveitar essas cachoeiras, mas tôdas hão sido improficuas por desacordos indeslindáveis entre os proprietários.

Porém, o vício mais essencial da concorrência é ser ela o deturpador feroz e constante da natureza humana. Com efeito, ela cultiva e afia os instintos egoístas e abafa ou embota os altruístas. O homem torna-se lobo, ou, na frase latina, **homo lupus**. O povo, na sua sabedoria, diz: — Amigos, amigos, negócios aparte. — Nos negócios, quer dizer, na luta comercial, na concorrência econômica, desaparecem os amigos, todos somos, uns dos outros, inimigos. Brigam irmãos por causa das heranças e rios de dinheiro se gastam com processos, falências e o mais.

O anarquismo propõe, em vez da concorrência, a **colaboração**, a harmonia no trabalho, pois só essa harmonia, multiplicando as forças humanas contra a natureza, dará fartura e bem-estar a todos.

Note-se que essa concorrência não se limita aos indivíduos de um mesmo território ou país; estende-se aos possuidores de tôdas as nações e é portanto internacional ou mundial.

14 — **O Estado** — Nessa luta ferrenha, os homens se es-traçalhariam se não fossem reguladas suas investidas pela **autoridade**. A segunda função da autoridade, pois, é regular a concorrência econômica, estabelecendo normas na competição, impedindo, normalmente, que se transforme em saque e morticínio.

A organização da autoridade chama-se **Estado**.

15 — **Sétupla feição do Estado** — Como órgão da defesa dos proprietários contra os proletários e de regularização da con-

